



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

INTER-RELAÇÃO, AUTONOMIA E SUCESSO ESCOLAR

NELSON DE MOURA COSTA

Orientador: Francisco Neylon de Souza Rodrigues

Brasília/2011

Nelson de Moura Costa

INTER-RELAÇÃO, AUTONOMIA E SUCESSO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientador (a): Francisco Neylon de Souza Rodrigues

Brasília – DF

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

NELSON DE MOURA COSTA

INTER-RELAÇÃO, AUTONOMIA E SUCESSO ESCOLAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Francisco Neylon de Souza Rodrigues (Orientador)

Lúcia de Carvalho Brandão (Examinador)

Nelson de Moura Costa (Cursista)

BRASÍLIA/2011

Agradeço a Deus, por mais uma conquista. A minha família por ter me compreendido todas as vezes que os deixei de lado para me dedicar aos trabalhos do curso. Aos tutores a distância que foram justos e pacientes durante todo o curso. E ao professor Francisco Neylon, orientador desta monografia, por ter assumido comigo tantos desafios e responsabilidades.

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu pai por ter me amado infinitamente. À minha esposa sempre parceira nas minhas conquistas, e aos meus filhos, Gabriel e Maurício.

Ninguém é mais culto do que outro por ter freqüentado a universidade ou apreciar as pinturas de Van Gogh e a música de Bach. O que existe são culturas paralelas, distintas, e socialmente complementares. (Frei Beto)

RESUMO

O presente estudo enfoca questões de inter-relações, autonomia e sucesso escolar em uma escola pública de Ensino Médio de Brasília/DF, tendo como objetivo principal a verificação da inter-relação entre professor-aluno em sala de aula, com a perspectiva de que esta inter-relação seja positiva para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Também verificamos a autonomia individual do aluno como mola propulsora de seu próprio desenvolvimento com a participação do agente chave, que é o professor, para que isso ocorra. Portanto, fizemos uma pesquisa qualitativa, analisando algumas possibilidades do fracasso escolar ter a gênese no ruído da interação entre professor-aluno. Além disso, desenvolvemos um rápido estudo bibliográfico sobre as causas do mesmo, sobre inter-relação social na perspectiva histórica e autonomia segundo o construtivismo na visão de Paulo Freire. Percebemos a necessidade da interação mais positiva entre professor-aluno e a partir dessa interação despertar sua própria autonomia para seu crescimento escolar e pessoal.

Palavras-Chave: Inter-relação, Autonomia, Desenvolvimento e Aprendizagem.

ABSTRACT

Interrelationships, autonomy and academic success in a public school School of Brasilia / DF, with the main objective verification of the interrelationship between teacher and student in the classroom, with the prospect that this interrelationship is positive development and student learning. We also checked the individual autonomy of the student as a springboard for their own development with the participation of key staff member who is the teacher. For this, we did an empirical study analyzing some possible school failure, and bibliographic study on the causes of it on social interrelationships in the historical perspective and autonomy according to the Constructivism in the vision of Paulo Freire. We realized the need for more positive interaction between teacher-student interaction and from that awaken their own autonomy for their school and personal growth.

Keywords: Interrelation, Autonomy, Development and Learning.

SUMÁRIO

RESUMO	06
APRESENTAÇÃO	09
CAPÍTULO I	
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Produção do Fracasso Escolar	11
1.2 Inter-relação/interação	13
1.3 Autonomia e o papel do Professor	16
CAPÍTULO II	
2 OBJETIVOS	19
2.1 Objetivo Geral	19
2.2 Objetivo Específico	19
CAPÍTULO III	
3 METODOLOGIA	20
3.1 Metodologia Qualitativa	20
3.2 Contexto	20
3.3 Participantes	21
3.4 Materiais	23
3.5 Instrumentos	23
3.6 Procedimentos de Construção de Análise de Dados	23
3.7 Procedimentos de Análise	24
CAPÍTULO IV	
4 RESULTADOS	26
4.1 Discussão Teórica dos Resultados	29
4.1.1 Inter-relação na Escola	29
4.1.2 O Professor como Agente que Promove a Autonomia	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXO	37

APRESENTAÇÃO

No presente estudo trabalhamos a inter-relação entre aluno-professor como possibilidade de promoção e ou facilitação da aprendizagem do discente. Partimos do pressuposto de pesquisa de que essa interação/inter-relação professor-aluno seja favorecedora da geração, singularmente, de autonomia, buscando sempre, como objetivo essencial o sucesso em sua trajetória escolar.

Partindo de outro pressuposto, por meio do qual compreendemos o comportamento e a aprendizagem como fenômenos humanos construídos a partir da inter-relação/interação com o outro, dessa forma é possível considerar que a inter-relação/interação, tanto pode ganhar ares positivos ou negativos. Ao se estudar essa relação no campo educacional, poderemos considerar que uma má relação entre professor-aluno poderá dificultar cada vez mais ao aluno seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Sendo assim podemos acreditar que se o professor buscar uma inter-relação positiva para com o aluno, uma interação que vise uma aproximação além do conteúdo curricular estudado, buscando conhecer seus problemas para melhor ajudá-lo, o aluno terá chances de alcançar patamares maiores de aprendizagem.

Ao analisar a relação professor-aluno em sala de aula poderemos sugerir caminhos que ajudem nos processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Acreditamos que a observação dessa relação entre professor-aluno em sala de aula trará uma visão mais próxima do que realmente acontece durante o desenvolvimento escolar do aluno. Fizemos entrevistas com alguns professores e com alguns alunos sobre seus cotidianos, em especial dos alunos, em casa e em sala de aula sobre suas inter-relações, o que possibilitou o levantamento de questões e discussões para o nosso trabalho.

Ao observar a aula no Ensino Médio na minha trajetória docente e no período dessa pesquisa, percebemos que alguns docentes com muita experiência, haviam criado seus métodos de domínio da turma, um deles era “não mostrar os dentes”, por exemplo. Isto é, não sorrir para não criar um ar de professor bonzinho, o outro era ser rígido e dificultar o máximo nos três primeiros bimestres, por que ninguém agüentaria os alunos no quarto bimestre. Foi sob essa perspectiva que resolvemos fazer este trabalho voltado para a inter-relação professor-aluno no Ensino Médio.

A pesquisa foi realizada em uma Escola da rede pública de Ensino Médio de Brazlândia/Distrito Federal, na qual participaram 15 alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio, com idade variando entre 16 e 20 anos. Os alunos que fizeram parte dessa pesquisa foram escolhidos por apresentarem, alguns, bons rendimentos, e outros, baixos rendimentos escolares.

No primeiro capítulo apresentaremos uma pequena história sobre a vida do autor, no qual tentamos correlacionar com o tema e as dificuldades encontradas em sala de aula. Logo em seguida apresentamos a fundamentação teórica, citações literárias com o posicionamento de alguns autores relacionados ao tema principal da monografia, por exemplo: a produção do fracasso escolar do livro do curso de pós-graduação em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar 2010, o qual aponta para as possíveis causas do fracasso escolar; da questão da interação social segundo Vigotski, em que colocamos como mola fundamental para o desenvolvimento emocional, físico e intelectual do homem, buscando demonstrar a importância dessa interação desde os primeiros momentos enquanto criança até sua vida adulta e; por último buscaremos abordar o papel do professor como sujeito fundamental para contribuir para mudança e desenvolvimento individual de cada aluno, independente do que ele seja ou tenha sido, faremos isso nas linhas do pensamento de Paulo Freire, aonde apontaremos sugestões para produzir a autonomia no aluno, para que ele possa a partir do Ensino Médio, ser menos condicionado e mais determinado nas suas escolhas.

No segundo capítulo apresentaremos nossos objetivos, que por meio de nossos estudos e observações tentaremos alcançar.

No terceiro capítulo explicaremos como foi construída a pesquisa, como foram levantados os dados a partir de entrevistas com alunos e professores para a construção das informações contidas nesse trabalho. Teremos informações e descrições sobre o local, os personagens e os recursos utilizados.

No quarto capítulo trataremos da discussão teórica a respeito dos resultados obtidos a partir da pesquisa de campo (entrevistas e questionário utilizado para construção deste trabalho) e das literaturas estudadas.

CAPÍTULO I

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Eu sou o Nelson de Moura Costa, brasileiro, natural de Umarizal-RN, nascido em 15 de maio de 1977, casado e pai de dois filhos. Fui para Brasília/DF com 16 anos de idade, e nessa cidade dei continuidade aos estudos do Ensino Médio. Eu era muito tímido, quase não falava, não tirava as dúvidas com os professores por vergonha, e isto me trouxe grandes dificuldades de aprendizagem. Terminei o Ensino Médio praticamente sem saber nada, é mais ou menos o que acontece com muitos.

O tempo passou... E o destino (Deus) me levou por caminhos que não planejava... Formei-me em Filosofia, as discussões e os debates durante o curso me fizeram acreditar que quando saísse da faculdade e fosse dar aula poderia mudar o mundo (que modéstia), por que eu tinha mudado a forma de ver o mundo, agora via de uma perspectiva mais crítica.

Fui dar aula no Ensino Médio, não consegui mudar ninguém, no entanto, pude reconhecer que se eu pudesse apenas introduzir uma centelha de pensamento crítico-positivo em algum aluno isso já seria muito satisfatório, quem sabe futuramente essa centelha se tornaria uma grande fogueira. Bem, mas o que interessa aqui é a relação da minha história com a minha pesquisa; anteriormente eu havia falado que durante o Ensino Médio eu tinha muita vergonha e que isto me causou alguns transtornos de aprendizado. Se essa vergonha me causou dificuldades de aprendizagem, será que outros problemas também não estariam causando dificuldades para outros alunos do Ensino Médio? Sim, existem vários outros problemas que contribuem para dificultar a aprendizagem, resultado do momento sócio-histórico e cultural de cada aluno. O que me levou a questionar se há uma preocupação de inclusão para o Ensino Médio por parte dos professores?

1.1 Produção do fracasso escolar

Sobre as causas do fracasso escolar poderíamos dizer que são várias, tais como: salas lotadas, infra-estrutura inadequada, falta de material didático etc. Poderíamos, também, dizer que todas essas questões citadas são relativas, pois não existe uma regra ou uma receita que se aplica a todos os casos, isto é, a todos os alunos sobre o que causou ou esteja causando seu “fracasso escolar”. Neste

caso apontaremos para uma direção; direção esta focada na figura do professor como peça chave para contribuir para mudanças significativas no aprendizado e formação do aluno.

Segundo Bruner (2001 *apud* RIBEIRO, MIETO & SILVA, 2010), os professores são tradicionalistas em classificar os alunos com notas e conceitos, fazendo julgamento de valor sobre seu desempenho, o que caracteriza uma “diagnostificação” prévia do aluno. “os sistemas educacionais são, em si, altamente institucionalizados sob o domínio de seus próprios valores. Os educadores têm suas próprias visões, geralmente bem embasadas, sobre como cultivar e dar nota à mente humana” (*ibidem*, 2010, p. 190).

Após esse diagnóstico e classificação do aluno, o professor muitas das vezes deixa de lado a sua obrigação dialógica para com esse aluno que demonstrou menos desempenho e lava suas mãos no que diz respeito a suas metodologias voltadas para esses alunos, pois o sucesso desse infante não depende do professor, mas de algum problema do próprio aluno.

Outra questão relevante para explicar as causas do fracasso é a de que a escola não valoriza ou não sabe lidar com as diferenças, ela espera que todos os alunos alcancem os mesmos objetivos por ela estabelecidos, o que não ocorre, pois é dada, em sua maioria, uma educação igual para desiguais, se esquecendo das diferenças e particularidades de cada aluno. E desta forma apontam para o aluno como responsável pelo seu próprio sucesso ou fracasso. Podemos pensar em várias questões sobre esse processo, mas entendemos que

Uma das explicações para tal fenômeno reside no fato de a escola não estar preparada para lidar com a diferença, já que se pauta na formação de agrupamentos homogêneos, padronizados, nos quais o comportamento tido como “desviante” é desqualificado, imputando ao sujeito considerado deficiente a inteira responsabilidade pelo seu fracasso (RIBEIRO, MIETO E SILVA, 2010, p. 190).

Segundo Patto (2000 *apud* RIBEIRO, MIETO & SILVA, 2010), alguns professores tratam os alunos de forma igual, onde o sucesso do aluno dependerá de seu próprio esforço, “que vença o mais forte!” trazendo a idéia de seleção natural sobre o desenvolvimento escolar do aluno.

Além disso, observa-se que à noção de fracasso é incorporado o discurso médico-prescritivo, bastante compatível com a idéia de eugenia,

preconizada por uma espécie de seleção natural, na qual, supostamente, se daria por meio da prevalência dos mais aptos, num mundo pretensamente igualitário, tal qual apregoado pela corrente do Darwinismo Social (PATTO, 2000 *apud* RIBEIRO, MIETO E SILVA, 2010, p. 190).

São muito comuns os professores se isentarem da culpa ou responsabilidade dada à profissão, isto é, eles apontam outros fatores históricos sociais ou de saúde para explicar o fracasso escolar dos alunos. Ribeiro, Mieto e Silva (2010) mantêm um diálogo interessante com Jairo Werner e nos diz:

De acordo com Werner (2000), a relação fracasso escolar/doença é algo que permeia o discurso tanto de profissionais da educação quanto os da saúde. Tais formas de argumentação parecem se intensificar quanto menor for o poder aquisitivo do sujeito vítima do fracasso. (p. 192)

Ainda sobre as idéias de Jairo Werner sobre as causas do fracasso escolar, na qual ele aponta para a educação elitista apregoada nas instituições de ensino e como prática docente, o que prejudica a educação/aprendizagem de alunos das classes populares, pois estes não conhecem a realidade cultural e lingüística utilizada pelas escolas. Seus conteúdos, suas linguagens estão pautados na realidade cultural e lingüística da classe média.

1.2 Inter-relação ou interação

A palavra inter-relação ou interação, tem como significado a relação mútua, o que significa dizer, que num grupo, ou numa conversa a dois, todos estarão emitindo e recebendo tanto informações como influências um dos outros. Dessa forma podemos dizer que a inter-relação/interação pode ser positiva ou negativa, já que influencia no comportamento e desenvolvimento da pessoa.

Partindo do pressuposto de que o comportamento e a aprendizagem são efetivamente construídos a partir da inter-relação/interação com o outro, é possível considerar que a inter-relação/interação entre o professor e o aluno deverá seguir caminhos positivos para se alcançar ares mais altos de conhecimento. Os processos de aprendizagens podem ser vários, mas um em especial é a interação entre o professor e o aluno, como nos diz Kelman (2010) citando Bruner:

O professor deve ser um guia para o entendimento; alguém que segundo Bruner (2001), ajuda o aluno a descobrir por conta própria. É enxergar as

crianças como seres pensantes e que seu desenvolvimento pode ocorrer como decorrência das trocas intersubjetivas, professor-aluno; aluno-aluno. (p. 44)

Ainda sobre interação na perspectiva teórica de que o desenvolvimento humano está pautado na dinâmica histórico-social, o homem é determinado pelo momento cultural e histórico e pelas suas relações com o outro. Vemos que o desenvolvimento humano está estabelecido nos relacionamentos sociais, a partir de determinado momento cultural e histórico específico. Nossos sentimentos, crenças, valores e formas de pensar são construídos a partir da experiência e do convívio social a que estamos inseridos.

Vigotski foi sem dúvida o grande marco na questão da interação. Ele colocou tal interação como a mola mestra na construção e desenvolvimento humano, tanto comportamental como intelectual/psíquico. Como afirma Pena (2010):

Foi Vigotski quem inicialmente traçou uma relação entre a interação social e o desenvolvimento dos processos mentais superiores. Seus estudos sobre o desenvolvimento da atenção, da percepção, da memória e da linguagem, demonstram o processo de construção dessas funções, a partir de ferramentas inicialmente externas, que são gradativamente internalizadas pela criança. O desenvolvimento cognitivo não surge do amadurecimento das estruturas orgânicas, mas da capacidade cerebral de reproduzir mentalmente aquelas ferramentas originalmente externas, que apoiavam aquela função. (p. 3)

Ainda sobre as idéias de Vigotski e o processo social temos: as questões biológicas, ou seja, características físicas que contribuem para atraso no desenvolvimento da pessoa, mas que deve ser estudada psicologicamente para melhor desenvolvimento, isto significa dizer que uma pessoa com uma determinada deficiência em uma área pode ser superada em outras. A sua proposta teórica trás a tona a atuação do social quando argüi que

A conseqüência direta do defeito é o rebaixamento da posição social da criança; o defeito se realiza como desvio social. Vão-se estruturando todos os vínculos com as pessoas, todos os momentos que determinam o lugar do homem no meio social, seu papel e seu destino como participante da vida, todas as funções da existência social... Tudo o que é herdado e biológico deve, então, ser interpretado psicologicamente para que seja possível ter em conta seu verdadeiro papel no desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 1997:18 apud COELHO, 2010, p. 62)

É necessário se buscar uma inter-relação positiva para o pleno desenvolvimento do aluno. Vigotski percebeu a necessidade da interação entre a criança e o adulto para promover a aprendizagem, e que a linguagem sócio-cultural é tão ou mais importante que as funções biológicas para o desenvolvimento cultural. No entanto, não significa dizer que essa inter-relação “positiva”, voltada para o aprendizado do aluno, alcançará os mesmos resultados com todos os alunos, pois de acordo com Vigotski em sua teoria sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, cada pessoa tem um espaço de liberdade para escolher o que é interessante para o seu eu (histórico-social). Mas Vigotski não descarta a figura do adulto como mediado, neste caso o professor, que deverá buscar de forma sensível no espaço dessa zona caminhos que contribua para formação do aluno. Vigotski fala que existe a solução de problema independente e a solução de problemas mediados por pessoas mais experientes. “... solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VIGOTSKI, 1994, p. 112, *apud* KELMAN, 2010, p. 17).

Outro exemplo que complementa essa idéia é o que nos diz Maciel (2010):

O processo educacional deve dirigir-se, portanto, para a ZPD, devendo o educador ser sensível ao espaço dessa zona, podendo assim estimular e dirigir o interesse e ação do aluno para objetivos desejados. Isso significa dizer que a promoção da ação do aluno deve estar inserida dentro da ZPD. O aluno, por sua vez, pode aceitar essa direção ou então, mover-se para outro objetivo dentro do seu espaço de liberdade. Isso pode levar o professor a tentar conseguir que o aluno volte para o objetivo anterior, o que pode implicar estreitar os limites desse seu espaço de ação. (p. 122).

O professor ao explorar essa zona de desenvolvimento proximal, sabendo que existe um espaço no desenvolvimento do aluno que o torna autônomo, isto é, que tem liberdade para escolhas que lhes agrada. O aluno poderá direcionar seu

comportamento e aptidões para participação mais ativa em sala de aula necessária para sua formação. Compreendemos que

Nessa direção, portanto, o desenvolvimento é caracterizado pela construção conjunta do sistema psicológico da pessoa por si própria e, ao mesmo tempo, orientada por objetivos de “outros sociais” que lhe impõem toda sorte de restrições. Restrições estas que ao mesmo tempo limitam e também promovem, dentro de um leque de possibilidades, o seu desenvolvimento. Sua ação é, portanto, tanto promovida como limitada pelo “outro” social. (MACIEL & RAPOSO, 2010, p. 75)

Tomando ainda como conceito básico sobre contexto de desenvolvimento citado por Kelman (2010). “o desenvolvimento humano como um processo singular, único, dinâmico e marcado por uma historicidade (p. 11)” sabendo que a escola não carrega toda a historicidade do aluno, e que nossa sociedade é constituída de instituições sociais assim como a família. Podemos perceber que a família pode contribuir para o entendimento do aluno e possibilitar juntamente com a escola um melhora na educação.

1.3 Autonomia e o papel do professor

No Ensino Médio, existe um fator determinante para o sucesso escolar, que é a autonomia, não no sentido amplo de “fazer o que der na telha”, mas no sentido de que o próprio aluno deve buscar a aprendizagem, participar de forma produtiva das aulas, contribuindo para seu próprio desenvolvimento.

Podemos apontar a autonomia, como condição para se alcançar sucesso na escola e na vida, esta que já faz parte da constituição do próprio indivíduo, como ser que pensa que constrói e que “destrói”.

O professor deve estar ciente que o aluno já possui um saber construído ativamente em seus processos sociais antes de chegar à escola, e que esse saber deverá ser visto como instrumento de ações que ajudem no desenvolvimento de estratégias que contribuam para aprendizagem do aluno. É a esperança da mudança das crenças no espaço escolar, aonde uma criança é considerado apenas um depósito, para um ser constituído e construtor de si. Ou seja

(...) é ver o sujeito humano como um ser ativo e que dispõe de uma competência cognitiva que lhe permite ser construtor do seu próprio conhecimento. Essa idéia implica no reconhecimento de que a criança antes de entrar para a escola dispõe já de um saber, construído ativamente por meio de sua participação social e regulado pelo processo de equilibração das estruturas mentais. A valorização e o resgate deste saber passam a ser vistos como fundamentais para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. (MACIEL, 2010 p. 118).

Paulo Freire (2008) percebendo que o aluno já traz um arcabouço de conhecimento apreendido no seu percurso de vida sugere uma maior participação do aluno na construção do conhecimento relacionando com os conhecimentos institucionalizados. O autor nos faz pensar:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (p. 30).

O grande desafio educacional é proporcionar ao aluno, a buscar seu próprio conhecimento, seus desejos e sonhos, e a grande pedra filosofal é a figura do professor, estes que o acompanhou desde cedo. Portanto, é responsabilidade do professor, o dever de buscar formas diversificadas para estimular e desenvolver a autonomia no aluno.

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir; desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico. (FREIRE, 2008 p. 38)

O professor como agente responsável pelo crescimento social e intelectual do aluno, tem o importante papel de contribuir para a mudança nessa triste realidade bancária que encontramos nas escolas hoje em dia. Portanto, é de suma importância pensar no que Morales (2006) nos diz:

Falo de tarefa profissional e de eficácia intencionalmente. Porque somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos podem ser determinantes para conseguir nosso objetivo profissional (p. 13)

Podemos perceber a importância e a responsabilidade do professor em buscar estratégias de ensino e de relacionamento, e que seu trabalho seja voltado para o sucesso do aluno na escola, caso contrário, este será o seu próprio fracasso. Pois o ensino só ocorre se houver aprendizagem do aluno.

A autonomia está ligada a capacidade de agir, mas como o aluno é um ser que se desenvolve por meio da interação social, ele precisa de estímulo que o ajude a se libertar das ideologias de dominação. E nesse processo o professor continua sendo fundamental. Barros (2006) ressalta tal importância do educador:

Paulo Freire mostra que ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a produção do saber. Ensinar exige muitos fatores, estes são citados de forma clara e conclusiva. Uma das primeiras exigências é a rigorosidade metódica, o Educador norteando-se por este saber deve reforçar a capacidade crítica do educando auxiliando-o a tornar-se criador, investigador, inquieto, rigorosamente curioso, humilde e persistente; O facilitador deve ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. Os conhecimentos contidos nos livros são muito importantes, porém ter apenas estes saberes e não estar antenado com a realidade do seu mundo, sabendo das necessidades e ocorrências do seu país, sua cidade, seu bairro e ainda de sua rua é pensar errado. (p. 1)

Podemos observar que a autonomia é fruto de um processo dinâmico, produto de características internas e externas do homem. Um processo autoral, isto é, um ser participativo que busca seu próprio desenvolvimento.

Paulo Freire (2008) nos fala do respeito que devemos ter a autonomia do educando como um imperativo ético:

É o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica o que devo ter por mim mesmo... – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (p. 59).

Vemos ainda Valsiner (2003; 2001) preocupado com uma perspectiva teórica relacionada ao papel da pessoa ativa, isto é, da autonomia. “considera a necessidade de uma perspectiva teórica que possibilite defender a preservação do papel da pessoa ativa e que constrói seu mundo psicológico em constante relação com a realidade na qual se insere”.

Por tanto, a autonomia é a capacidade de agir por vontade própria, uma autonomia que o livre das “más” influências do meio que estar inserido, influências essas que prejudicam o bom andamento de seu crescimento social e educacional, e que esse agir seja voltado para a construção do homem reflexivo, criativo e ético em suas ações.

CAPÍTULO II

2 OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar como a relação professor-aluno participa nos processos de aprendizagem dos alunos no contexto da sala de aula.

2.2. ESPECÍFICOS

Verificar como as relações aluno-aluno em sala de aula impactam o processo de ensino aprendizagem;

Identificar como na relação entre professor e aluno, aluno-aluno, o aluno constrói sua autonomia.

CAPÍTULO III

3 METODOLOGIA

3.1. Metodologia qualitativa

A pesquisa qualitativa é definida aqui como aquela que privilegia a análise dos fatos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame reflexivo dos dados.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola do ensino médio de Brazlândia/DF, foram feitas entrevistas com alguns alunos e professores. Não foi uma entrevista insensível, foi mais próxima de uma conversa amigável, aonde os alunos puderam demonstrar seus sentimentos, suas emoções, suas indignações em relação à escola e aos professores e seus objetivos para o futuro.

Produzimos um questionário com perguntas objetivas a respeito de suas histórias de vidas. Perguntas do tipo: renda familiar, escolaridade dos pais, presenciou violência, o gosto pela leitura, etc. e perguntas abertas do tipo: o ensino médio é o que você esperava? Algum professor contribuiu de forma significativa para sua educação escolar?

3.2 Contexto

A escola escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi uma escola do ensino médio de Brazlândia/DF, por apresentar uma estrutura física razoável em relação às muitas existentes pelo Brasil a fora, falo razoável no sentido de ser bem estruturada para atender as necessidades básicas de desenvolvimento educacional do aluno. Contendo por exemplo: amplo espaço físico, biblioteca, tele classe, laboratório, quadras poli esportivas, auditório, lanchonete, etc.

Ainda em relação à escola sobre as estruturas humanas que participam da educação, pudemos observar um corpo docente completo, todos formados em curso superior de licenciatura, uma coordenação pedagógica preocupada com os

trabalhos que são realizados na escola, que visam sempre à promoção de uma educação de qualidade.

3.3 Participantes

Foram entrevistados 15 alunos do Ensino Médio, do primeiro, segundo e terceiro ano. Os entrevistados tinham idades variando entre 16 e 20 anos, sendo seis do sexo masculino e nove do sexo feminino.

Caracterização dos entrevistados: aqui usaremos abreviaturas dos nomes dos participantes para preservar suas identidades. As características aqui expressa e as situações comportamentais de alguns alunos foram feitas a partir de observações.

IC. Um rapaz com dezoito anos de idade, bastante extrovertido, onde fica a maior parte do tempo da aula brincando e conversando com os colegas. O que leva os professores a chamarem sempre sua atenção, às vezes, sendo colocado para fora da sala. (3º ano do Ensino Médio).

MV. Tem dezenove anos de idade, trabalhador da zona rural, que chega na escola muitas vezes cansado. Ele não demonstra nenhum interesse para a educação formal. (3º ano do Ensino Médio).

AL. Tem dezesseis anos de idade, tem um bom relacionamento com os professores e com a mãe, ela não fala com o pai, pois este quando bebe fica irreconhecível. Acredita que seu rendimento escolar no ensino médio caiu por causa do trabalho. (1º ano Ensino Médio).

JS. Uma jovem de dezoito anos de idade, temperamento forte, às vezes demonstra revolta com professores e colegas, falando que quer e o que pensa, não tem bom relacionamento com os professores por que estes se apresentam autoritários. (1º ano Ensino Médio).

WR. Um jovem de quinze anos de idade, se senta no fundo da sala de aula junto com outros colegas, e ficam conversando a maior parte do tempo sobre assuntos não relacionados ao conteúdo. (1º ano do Ensino Médio).

CD. Uma jovem de dezoito anos de idade, apresenta dificuldade de aprendizado, mas bastante esforçada, durante a infância escolar foi atendida como aluna especial por psicólogos. (2º ano do Ensino Médio).

NF. Tem dezessete anos de idade, muito descontráida, apresenta baixo interesse e atenção na sala, acreditava que o Ensino Médio fosse mais fácil. (1º ano do Ensino Médio).

PH. Tem dezesseis anos de idade, um jovem bastante calado, talvez seja por timidez, o que faz com que não participe ativamente das aulas. (1º ano do Ensino Médio).

MS. Uma jovem de dezessete anos de idade, inteligente e dedicada nos assuntos que a interessa. Gostaria de fazer pedagogia e trabalhar com obras sociais do tipo: homofobia na escola. (3º ano do Ensino Médio).

AR. Tem dezoito anos de idade, demonstra bom relacionamento com alunos e professores, sempre é bastante participativa nas aulas e faz todas as tarefas pedidas. (3º ano do Ensino Médio).

JS. É um aluno dedicado, a maioria dos professores o aponta como destaque. Tem dezessete anos de idade, diz que trabalha para ajudar a família desde os doze anos. (1º ano do Ensino Médio).

LL. Uma jovem de dezessete anos de idade, uma aluna exemplar, destaca-se em todas as disciplinas, mas devido a problemas em casa, perdeu muitos dias letivos. (2º ano do Ensino Médio).

DH. Um rapaz de dezoito anos de idade, destaca-se por ser crítico e muito curioso para o aprendizado, demonstra um excelente raciocínio e traz consigo uma bagagem de conhecimento histórico-cultural. (3º ano do Ensino Médio).

NS. Uma jovem de dezoito anos de idade, muito freqüente, apresentando bom relacionamento com os professores, sempre atenta as explicações, faz todas as atividade no tempo exigido. (3º ano do Ensino Médio).

JL. Uma garota de dezessete anos de idade, tem um problema auditivo, mas consegue lê os lábios de quem fala olhando para ela, destaca-se pela capacidade de entender os conteúdos lendo. (3º ano do Ensino Médio).

3.4 Materiais

Foram utilizados os seguintes materiais:

- Computador;
- Impressora;
- Papel A4;
- Caneta;
- Carro;
- Caderno de anotações;
- Pen-driver;
- Internet.

3.5 Instrumentos

Para conseguirmos as informações contidas neste trabalho, foi construído um questionário com vinte questões objetivas, observações e conversas informais com professores e alunos. Em anexo cópia do questionário utilizado para coleta de dados.

3.6 Procedimentos de construção de dados

Nosso estudo foi composto por um questionário estruturado, com perguntas objetivas feitas aos alunos, uma entrevista semi-estruturada e individual com os mesmos, no qual eles tinham total liberdade de se expressar. As perguntas eram feitas em relação ao ensino médio e suas inter-relações com professores, amigos e família. Além das entrevistas com os alunos, tivemos algumas seções, sem tempo determinado, de conversas com professores sobre desenvolvimento e comportamento de alguns alunos.

3.7 Procedimentos de análise

Por meio do questionário e das conversas com alunos e professores, pudemos formar um quadro comparativo. Serão analisados os resultados estatísticos, com enfoque: a inter-relação/interação na perspectiva de que é fundamental para o desenvolvimento do educando e; a autonomia como mola propulsora de seu próprio aprendizado. Ressaltamos que tanto na interação como na autonomia em sala, o professor será o agente principal.

Antes de sermos taxados como rotulador, gostaríamos de enfatizar que não consideramos ninguém melhor ou pior do que o outro, mas que para construir esse estudo foi necessário separar estes dois grupos. Que levou em conta, comportamento, participação, autonomia e notas.

Quadro Comparativo

Entrevista realizada para verificação de como a inter-relação, a autonomia de alunos do Ensino Médio pode influir em seus rendimentos escolares.

Entrevista	Alunos considerados com bons rendimentos escolares	Alunos considerados com baixos rendimentos escolares
Já repetiu de ano	57%	88%
Escolaridade do pai (Ensino	71%	38%

Médio a Superior.		
Escolaridade da mãe (Ensino Médio a Superior).	71%	50%
Renda familiar (Menos de cinco salários mínimos)	71%	75%
Já sofreu algum tipo de violência	71%	75%
Já presenciou violência em casa	57%	50%
Gosta de ler	86%	63%
Já leu mais de cinco livros	86%	50%
Dedica alguma hora diária ao estudo	86%	38%
Pais separados	57%	50%
Participação dos pais ou família na educação escolar *	57%	100%
Participação dos professores na educação escolar*	100%	100%
Participação da direção/coordenação pedagógica na educação escolar*	71%	75%
Participação de amigos na formação escolar*	86%	63%
Estrutura organizacional e educacional da escola*	100%	100%
Auto-avaliação*	100%	88%

*Porcentagem de alunos que consideraram positivo.

Obs. Foram entrevistados 15 (quinze) alunos do Ensino Médio, 7 (sete) alunos considerados com bons rendimentos escolares e 8 (oito) considerados com baixos rendimentos.

CAPÍTULO IV

4 RESULTADOS

A partir dos quesitos construídos durante a pesquisa e expostos na tabela apresentada anteriormente, sobre o quesito renda familiar, podemos observar que os dados percentuais dos alunos que apresentam bons rendimentos como os que apresentam baixos rendimentos estão muito próximos, neste caso podemos descartar nesta pesquisa que o fundamental para o desenvolvimento escolar seja a situação sócio-econômica do educando, embora saibamos que alunos de classes baixas têm menos acesso ao ensino de qualidade.

Quesito, pais separados, parece (fato) que estamos num momento em que o relacionamento social chamado casamento, não dura muito; ou que as relações sociais se configuram de maneira líquida, sem sustentabilidade. O que poderíamos apontar para o fracasso escolar de alguns educandos que seriam consequência da separação dos pais. No entanto, como vimos no quadro comparativo, tanto os alunos considerados com bons rendimentos, como os alunos considerados com baixos rendimentos, estão bem próximos, o que nos leva também a descartar nesta pesquisa que a separação dos pais seja o principal motivo do fracasso escolar.

Dois quesitos semelhantes e contraditórios serão analisados nesse parágrafo, vejamos no quadro comparativo (página 25 e 26) que escolaridade do pai, escolaridade da mãe e participação dos pais ou família na educação escolar são contraditórios para que possamos usar como causa do sucesso ou fracasso escolar. Vamos refletir, se os pais dos alunos que são considerados com bons rendimentos escolares têm um grau educacional institucionalizado mais elevado do que os pais dos alunos considerados com baixos rendimentos escolares, poderíamos dizer que esta seria a peça chave, porém, podemos perceber que de acordo com o quadro comparativo eles participam menos da educação escolar; em quanto os pais dos alunos considerados com baixos rendimentos têm um grau de educação institucionalizado menor, eles participam mais. Desta forma podemos dizer que de acordo com a pesquisa, o fundamental para o sucesso escolar não é somente a instrução dos pais ou somente a participação dos mesmos.

Quanto à estrutura organizacional e educacional da escola, outro quesito que poderia ser o fundamental para o sucesso escolar do aluno, infelizmente não é o único determinante, pois 100% dos alunos entrevistado consideram como positivo, isto é, o centro de ensino onde a pesquisa foi realizada é considerado uma referência em educação. O que nos leva a buscar outro caminho para o sucesso escolar que não esteja baseado apenas na estrutura física da escola.

No quesito participação de amigos na formação escolar, os alunos considerados com bons rendimentos escolares apontaram uma maior participação dos amigos na sua formação. O que nos leva a crer que a inter-relação positiva em qualquer escala sempre contribui para a formação e desenvolvimento do educando na escola. Vimos o empenho de alunos nas apresentações de trabalhos em grupos, ensaios, figurinos, pesquisas e motivação para realização das atividades. Vejamos o relato de um jovem sobre a participação dos amigos na escola:

MK. Os amigos do 3º ano contribuíram mais do que todos os anos antes.

Outro quesito que poderia ser o determinante no sucesso escolar do aluno seria a participação dos professores na educação escolar, pois de acordo com a pesquisa, todos os alunos considerados com bons rendimentos e os considerados com baixos rendimentos, apontaram o professor como um participante positivo na sua educação escolar. Desta forma ainda podemos apresentar o professor como uma figura significativa no desenvolvimento educacional do aluno, mesmo considerando como questão a ser pesquisada a qualidade dessa relação professor-aluno que propicia uns terem melhores resultados do que outros infantes.

A partir dessa idéia, podemos observar ainda um ponto que diferencia os alunos que são considerados com bons rendimentos escolares e os que são considerados com baixos rendimentos escolares, é o gosto pela leitura e a dedicação ao estudo, o que nos conduz para apontar a questão da autonomia como ponto fundamental para o sucesso escolar.

Sobre autonomia, temos um exemplo marcante, é o exemplo da aluna “JL” que tem problema auditivo, ela não ouvia e falava com dificuldade, mas conseguia fazer leitura labial, no entanto, nem sempre os professores faziam

explicações olhando para ela. Desta forma ela tinha que superar essa dificuldade estudando sozinha. Ela estava concluindo o Ensino Médio e quando foi perguntada sobre a falta de atendimento especializado, ela responde de maneira enfática:

- Não preciso.

Sobre o tema inter-relação, fizemos uma seqüência que apresenta a transcrição de parte das entrevistas, onde consideramos pontos negativos na inter-relação, tanto na escola como na família, para um bom desenvolvimento escolar.

MV. Presenciou o pai batendo na mãe, isto trouxe revolta. Considera a escola autoritária.

AL. Não fala com o pai.

JS. Não tem um bom relacionamento com os professores, são autoritários. Quase não conversa em casa. Tem poucos amigos.

CD. Maltratada pela mãe, violentada sexualmente por tio, agredida por professora na infância com um beliscão.

PH. Tem vergonha de participar ativamente das aulas.

MS. Sentiu-se assediada por mais de um professor. Pouco diálogo com professores.

AR. Pouco diálogo com os pais.

LL. Procurou a direção da escola com problemas pessoais e não foi atendida.

São muitos os problemas que ficamos conhecendo por meio das entrevistas, e podemos perceber que muito dos exemplos de inter-relações transcrito acima, é de entrevistas dos alunos que foram considerados com baixos rendimentos. Não estamos inferindo um problema social, a violência familiar, como causa das dificuldades de aprendizagem. O que queremos alertar é o mundo que constitui o aluno além do que ele é na sala de aula e que a escola perde essa

concepção ao impor um ensino de resultados. O aluno, muitas vezes, não corresponde ao que a escola propõe do que venha ser educação, porque esse discente é atravessado por inúmeras vertentes que o engessa no aprender.

Percebemos também, a partir de conversas informais, a indignação dos professores, quanto à desvalorização, o desrespeito e o descaso de muitos alunos quanto ao seu papel de educador. Vejamos essa indignação nas palavras de alguns professores:

- Eles não estão nem aí.

- Eu saí da sala chorando quando eles falaram que não dominava o conteúdo. Fiquei com medo de voltar.

- Eu vou estudar para passar em outro concurso, aonde eu não precise passar por isso.

O aluno precisa que o espaço escolar se configure em um lugar fomentador de sua autonomia. Pensamos que para isso, como já foi abordado anteriormente, o professor é o ator principal para a geração de tal espaço. Porém, a partir do momento em que o professor começa a gerar concepções, como as supracitadas, pensamos que tal espaço desejado se perde em uma prática burocrática e informal.

Vimos também que os alunos tinham suas revoltas e indignações em relação a postura dos professores com eles. Falavam que alguns professores eram autoritários, chatos e que gostavam de “tirá-los de tempo”, vejamos o que falou um aluno:

(...) quando eu perguntava alguma coisa que não havia entendido, ele respondia que eu não havia entendido por não prestar atenção, por estar conversando, e se eu insistisse, ele falava: “me processe”.

Partindo desses exemplos de interação, nos leva a acreditar que falta mais diálogo entre as partes, um entendimento entre ambos, ou seja, relações positivas que visem o respeito mútuo.

4. 1 Discussão teórica dos resultados

4.1.1 Inter-relação na escola

A partir destes dados coletados, podemos perceber que alunos do Ensino Médio, assim também como alunos de outras séries trazem consigo uma historicidade de vida que influi em seu comportamento e aprendizagem, e que deve ser olhado pelo professor como um ser ainda em desenvolvimento, que precisa das mesmas atenções que um aluno das séries iniciais.

Kelman (2010) fala que devemos observa ou estudar o desenvolvimento do homem no curso que envolve a vida humana, isto é, tanto sua trajetória de vida, como o contexto, história e a cultura que está inserido:

Primeiramente convém esclarecer que estudos sobre desenvolvimento humano não se restringem a estudos sobre comportamento infantil, mas refere-se a uma temática que envolve todo o curso da vida humana. O desenvolvimento estuda a trajetória do indivíduo, marcada não apenas pela herança que recebe de seus pais, mas pelas experiências que vivencia ao longo da sua vida. (p. 13).

Nas conversas informais com alguns professores da escola em que a pesquisa foi feita, percebemos que eles, em sua maioria, rotulam os alunos com adjetivos positivos aos que são considerados como bons rendimentos escolares (dedicado, inteligente, esforçado, etc.) e, com adjetivos negativos os que são considerados com baixos rendimentos (desinteressado, burro, à toa, etc.). O professor lança culpa no aluno pelo seu fracasso esquecendo-se de que eles, os

alunos, estão em constante transformação e, que as causas são diversas e inerentes a eles. Cabe ao professor buscar soluções que contribuam para retirar estes rótulos, ou melhor, não deveriam nem colocar.

De acordo com a teoria histórico-cultural não se pode atribuir esta ou aquela qualidade a uma única causa, pois é defendida a idéia de que a formação do individuo é construída a partir de vários fatores. Como diz Kelman (2010):

Na perspectiva histórico-cultural, desenvolvimento implica em permanentes transformações, explicadas por múltiplas razões, nunca por uma só. Por outras palavras: não se pode atribuir uma característica humana, como a curiosidade ou a apatia em sala de aula, por exemplo, a uma única causa, seja ela biológica ou ambiental, mas a um conjunto de fatores decorrentes do fluxo de interações entre as características estruturais da pessoa com os diferentes contextos onde ela participa. Desenvolvimento é sempre decorrente desta interrelação. (p. 13).

Podemos perceber que inter-relações negativas podem produzir maus frutos, isto é, não tem o mesmo resultado de inter-relações positivas no que diz respeito ao desenvolvimento e aprendizagem do aluno em sala de aula. Mas infelizmente na escola encontramos tanto inter-relações positivas como negativas. Kelman (2010), fala da importância da escola como promotora do desenvolvimento como ponto positivo, mas ressalta situações negativas que são presenciadas nas escolas:

A escola é uma importante agência social promotora do desenvolvimento e da construção e da construção do saber. (...) Entretanto, a escola na atualidade não tem se revelado um ambiente satisfatório ao desenvolvimento de valores exclusivamente positivos. E um contexto onde ocorrem situações dramáticas de violência, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Vemos com alguma frequência, pela televisão, cenas que preferiríamos não estar testemunhando, como alunos que, além de desrespeitarem o professor, cometem crimes que culminam, eventualmente, com a morte de professores e colegas de classe. (p. 42).

Sendo assim, devemos buscar inter-relações positivas na escola, tanto entre professor-aluno, como aluno-aluno, contrapondo a existente na sociedade que

são diversas, para que se possa alcançar um grau maior e melhor de desenvolvimento educacional na escola.

4.1.2 O professor como agente que promove a autonomia

Vimos que a autonomia é importantíssima para o sucesso escolar e vimos que a figura do professor em suas relações com o aluno contribui de forma significativa para seu desenvolvimento e aprendizagem. Vejamos então, alguns exemplos de como o professor poderia se posicionar para melhorar sua prática docente.

Paulo Freire (2008) fala sobre o exemplo que deve ser o professor, pois esse é exemplo para os alunos. O professor deve ser uma pessoa em que sua ação seja prática, isto é, que suas ações sejam condizentes com seus discursos, e não apenas discursos intelectuais de palavras sem relação com sua vivência. Ele complementa nos dizendo que “não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria”. (p. 48).

Segundo Paulo Freire (2008) sobre o pensar certo, que deve ser a característica do professor, pois este é mais que um transferidor de teorias, este deve pensar e agir como cidadão. “Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos”. (p. 49).

Ainda sobre o pensamento de Paulo Freire acerca do professor como pessoa ética:

Quer dizer, já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las. (FREIRE, 2008, p. 52).

Vimos até aqui a importância do professor para a formação discente, pois é também espelho para jovens e adultos, daí a responsabilidade do professor diante dos desafios educacionais de promover cidadãos para viver dignamente em sociedade. O professor deve despertar nos alunos a consciência de que estamos ainda em formação, ainda em construção, e que essa formação dura a vida toda. Nas palavras de Paulo Freire (2008), “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado”. (p. 53)

E esse ser inacabado, consciente de suas responsabilidades sociais, deverá buscar superar suas próprias barreiras, percebendo que ele pode ir mais além do que lhes é imposto pela sociedade.

Nossa visão é de que o sujeito é construtor de sua história, tenha ele ou não uma necessidade especial. (...) Sua resiliência pode gerar exatamente os caminhos para a superação. Onde se quer assistencialismo, se troca por empoderamento; onde se quer pena, se troca por respeito; onde se quer analfabetos deficientes, se troca por sujeitos que por acaso têm uma deficiência, mas que não os impede de serem letrados e atuantes. (KELMAN, 2010, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo trouxe as questões relacionadas às inter-relações/interações entre professor- aluno, autonomia e sucesso escolar. Buscamos traçar um caminho para se chegar ao sucesso escolar. Começamos apontando as causas do fracasso escolar, as inter-relações necessárias para o desenvolvimento escolar e a autonomia como peça fundamental para o sucesso escolar.

Sabemos que na sociedade existe uma variedade de personalidades, assim também é a escola, em que a sociedade é representada em escala menor, e nela por menor que seja, podemos observar a variedade de sujeitos, todos recebendo a mesma educação elitista.

Da mesma forma que o professor encontra uma variedade de personalidades, os alunos também encontram, no Ensino Médio, uma variedade de personalidades docentes. No entanto, pelo menos os professores que foram observados neste estudo. Foi possível perceber que todos esperam que os alunos alcancem os mesmos resultados, ou seja, há um consenso (não estabelecido), entre os professores que os alunos são “iguais em capacidade”, e que seu sucesso só dependem deles mesmos.

Nós sabemos que existem alunos com potenciais diferentes, limitações físicas, psicológicas e condicionamentos sociais que influi no desenvolvimento do aluno e, ainda que não haja uma preocupação efetivamente com a inclusão (inclusão no sentido de se buscar conhecer os problemas individuais no sentido de ajudar o aluno em suas dificuldades de aprendizagem) de alunos no Ensino Médio, como se essa política inclusiva não participasse deste universo. Claro que a inclusão ainda é um processo lento e que o alcance real ainda não é o desejado, mas seria realmente necessário, no Ensino Médio, um trabalho voltado para um tratamento diferenciado, baseado nas particularidades individuais dos alunos. Isto não quer dizer que se devem construir centros especializados de atendimento ao aluno do Ensino Médio, mas que se pense em estratégias de melhorar as relações, ou melhor, as inter-relações que promovam o sucesso escolar.

Pudemos verificar a partir deste estudo as relações entre professor-aluno em sala de aula, e afirmar que nem sempre ocorrem boas relações entre os mesmos. Há às vezes um distanciamento amigável, outras vezes um tradicionalismo revestido de autoritarismo que não contribuem para o desenvolvimento e aprendizagens mais significativas.

Vimos nas relações entre aluno-aluno, enquanto trabalhos escolares em sala de aula, que essas relações contribuem muito para o desenvolvimento escolar, pois ocorre a pesquisa, o estudo, a criatividade e dedicação nas realizações de atividades propostas. Condições necessárias para o aprendizado e sucesso escolar.

E por meio do trabalho ético do professor, consciente que ser professor não é só transmitir conhecimento, mas sim, criar condições que possibilite a autonomia do educando. Desta forma ele poderá contribuir de forma bastante significativa para o sucesso escolar.

Acreditamos que educação é mais que notas e uma palavra amiga vale mais do que um boletim repleto de dez. Acreditamos ainda que uma melhoria na inter-relação vivida na escola, ou seja, no convívio professor/aluno/direção/família deve ser de forma amigável, compartilhando problemas, buscando soluções conjuntas para os problemas existentes dentro da escola e quando possível fora dela.

Esta pesquisa foi feita em apenas uma escola do Ensino Médio de Brazlândia/DF, com um número muito pequeno de alunos. Acreditamos que um estudo mais aprofundado sobre as inter-relações em sala de aula poderá apontar caminhos para problemas maiores. Como por exemplo: evasão escolar, reprovações, violência etc.

A partir deste estudo será possível levar para a escola a reflexão, o debate e a discussão em torno dos erros e problemas existentes que muitas vezes passam e são repassados ao longo dos anos, sem perspectiva de mudança.

REFERÊNCIAS

BARROS, Quiomar. Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. In: [http://ptshvoong.com/books/470147-resumo da obra pedagogia-da-autonomia-paulo-freire/2006](http://ptshvoong.com/books/470147-resumo-da-obra-pedagogia-da-autonomia-paulo-freire/2006).

COELHO, Cristina M. Madeira. Inclusão Escolar. In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, edição 2008.

KELMAN, Celeste Azulay. Sociedade, educação e cultura. In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Silvio Paulo. Ensino-Aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. In: www.isac.psc.br.

MACIEL, Diva Albuquerque Maciel; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

MACIEL, Diva Albuquerque Maciel; RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares. Metodologia e Construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

MACIEL, Diva Albuquerque Maciel. Alfabetização e Letramento: Aprender o Código ou o sistema de escrita? In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

MORALES, Pedro Vallejo. A Relação professor-aluno na sala de aula. São Paulo. Edições Loyola, 6ª edição 2006. (http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_4_5984.html).

PENA, Gil. A deficiência intelectual em indivíduos com Síndrome de Down é consequência de privação cultural, não uma determinação genética. In: <http://www.escoladaserra.com.br/site/leituras>.

PIGNATA, Maria Izabel Barnez. Metodologia de Pesquisa Educacional. In: Metodologia do Ensino Fundamental. Goiânia: FUNAPE/CIAR, 2010.

RIBEIRO, Julia Cristina Coelho; MIETO, Gabriel; SILVA, Daniele Nunes Henrique. A produção do Fracasso Escolar. In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; RIBEIRO, Julia Cristina Coelho; MIETO, Gabriela. O aluno com deficiência intelectual na sala de aula: considerações da perspectiva Histórico-cultural. In: Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UNB, 2010.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

Nome:

Idade: sexo: telefone:

01. Escolaridade (ensino médio)?

1º ano 2º ano 3º ano

02. Já repetiu de ano?

sim não

03. Escolaridade do pai.

não alfabetizado Fundamental incompleto Fundamental Ensino Médio incompleto Ensino Médio Superior incompleto Superior

04. Escolaridade da mãe.

não alfabetizada Fundamental incompleto Fundamental Ensino Médio incompleto Ensino Médio Superior incompleto Superior

05. Renda familiar.

até um salário mínimo até dois salários mínimos até três salários mínimos até quatro salários mínimos de cinco a dez salários mínimos mais de dez salários mínimos.

06. Quantas pessoas moram na sua casa?

uma duas três quatro cinco outros: _____

07. Já sofreu algum tipo de violência?

física moral verbal sexual outros: _____

08. Já presenciou algum tipo de violência?

sim não

09. Se a sua resposta na questão 8 (oito) foi sim. Responda .

em casa amigos vizinhos desconhecidos outros: _____

10. Já praticou algum tipo de violência?

sim não

11. Gosta de ler?

sim não

12. Quantos livros você já leu?

nenhum um dois três quatro entre cinco e dez mais de dez

13. Quantas horas diárias você dedica ao estudo?

nenhuma uma duas mais de duas

14. Por quem você foi criado (a)?

pais só pai só mãe tios outros: _____

15. Em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez), como você julgaria a participação de seus pais e/ou família na sua educação escolar?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10.

16. Obedecendo a mesma escala, julgue a participação dos professores na sua educação escolar.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10.

17. Julgue a participação da direção/coordenação pedagógica da escola na sua formação escolar.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10.

18. Julgue a participação de amigos/colegas na sua formação escolar.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10.

19. Julgue a estrutura organizacional e educacional da escola (CEM 01).

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10.

20. Como você se auto-avalia como aluno?

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10.

21. Espaço para comentários



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



À NOME DA DIRETOR(A)

Diretora do CENTRO DE ENSINO MÉDIO – BRAZLÂNDIA/DF

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública (pólo UAB-UnB de Águas Lindas de Goiás). Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

O trabalho será realizado pela cursista, Nelson de Moura Costa sob orientação da Mestranda Elisângela Duarte Almeida Mundim cujo tema é: “Interrelação, Autonomia e Sucesso Escolar” possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (xxx) ou por meio dos e-mails: XXXXXXX@XXXXX.

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre Inter-relações, Autonomia e Sucesso Escolar. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas com aluno e professores da escola, próprias das NEEs, INCLUSÃO, ETC e, ainda, entrevistas gravadas em áudio com os professores no intuito de... Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 61-92381980 ou no endereço eletrônico WWW.nelson_mcosta@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,
 NELSON DE MOURA COSTA

NOME DO CURSISTA

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu (minha) filho(a)
neste estudo.

Nome:

–

Assinatura:

E-mail **(opcional):**



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre inter-relação, autonomia e sucesso escolar. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas com professores e alunos sobre situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs, INCLUSÃO, ETC e, ainda, entrevistas gravadas em áudio com os professores no intuito de... Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone XXXXXX ou no endereço eletrônico WWW.nelson_mcosta@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

NELSON DE MOURA COSTA

NOME DO CURSISTA

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome:

–

Assinatura:

E-mail

(opcional):